

PATRIMÔNIO LUSO- BRASILEIRO: ENTRE O EDIFÍCIO E O ARQUIVO

PESSOA, ANA (1); SANTOS, ANA LÚCIA V.(2)

1. Fundação Casa de Rui Barbosa. Centro de Pesquisa.

Rua São Clemente 134, Rio de Janeiro, RJ, 22260-000

anapessoa55@gmail.com.br

2. Universidade Federal Fluminense. Escola de Arquitetura e Urbanismo

Rua Passo da Pátria, 156, Niterói – RJ, 24210-240

aluciavs@gmail.com

RESUMO

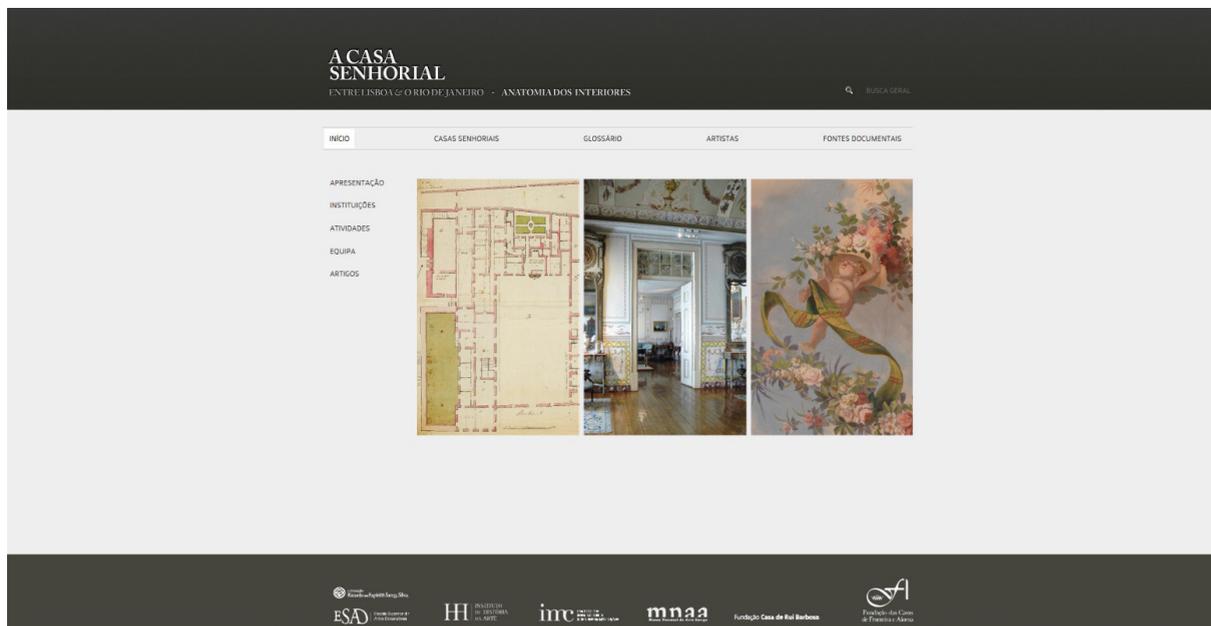
Apresentação do retrospecto das pesquisas para o projeto A casa senhorial em Lisboa e no Rio de Janeiro: anatomia dos interiores, desenvolvido por equipe de pesquisadores portugueses e brasileiros, por meio de colaboração entre a Universidade Nova de Lisboa e a Fundação Casa de Rui Barbosa. O projeto resultou em uma plataforma digital comum, que permite registrar, estudar e divulgar o patrimônio luso-brasileiro, em uma perspectiva pedagógica e informativa.

A pesquisa versa sobre edifícios relevantes da cidade do Rio de Janeiro lançando mão do tratamento de múltiplas fontes documentais, como jornais, inventários, plantas, fotografias e pinturas, com o fim de reconstituir imóveis perdidos e alterados, rever trajetórias de profissionais e encomendantes e interpretar documentos.

O estágio atual de tratamento e digitalização dos acervos documentais permite acesso a fontes primárias de forma inédita, tornando necessária a revisão da literatura clássica sobre história da arquitetura no Brasil, produzida majoritariamente no século XX.

Segundo metodologia própria, o projeto apresenta hoje 25 casas portuguesas e 20 brasileiras, com informações sobre seus exteriores, e interiores, segundo seus revestimentos (azulejos, estuques, pintura decorativa, etc.). O projeto introduz Goa, Índia, como nova área de investigação, permitindo que se expandam os estudos para interações culturais pouco exploradas.

Palavras-chave: casa senhorial, história da arquitetura, artes decorativas



O presente artigo apresenta o quadro atual do projeto inicialmente denominado “A Casa Senhorial em Lisboa e no Rio de Janeiro: Anatomia dos interiores”, desenvolvido, a partir de 2012, por iniciativa da Universidade Nova de Lisboa, sob a coordenação de Isabel Mendonça e Helder Carita, e outras instituições portuguesas, em cooperação com a Fundação Casa do Rio de Janeiro, cujos resultados são divulgados em site. www.casaruibarbosa.gov.br. O projeto é voltado para o estudo da casa de morada da nobreza e da alta burguesia durante os séculos XVII, XVIII e XIX, abordando múltiplos aspectos dos interiores.

No Brasil, a equipe é composta pelas autoras deste artigo, com a contribuição de pesquisadores de diferentes instituições, como o Museu Nacional, FAU/UFRJ, EBA/UFRJ, da EAU/UFF, Museu da República/Ibram e Fundação Mariano Procópio, e conta também com o apoio do programa de bolsas da FCRB. Atualmente, colaboram como bolsistas a pesquisadora, pintora e designer Ana Cláudia de Paula Torem, e as estudantes Madjory A. Pereira e Jordhanna F. de Oliveira.

A pesquisa tem como premissa a importância do estudo da casa nos âmbitos de sua significação material, social e simbólica. A casa senhorial, conforme observa Helder Carita, é mais do que um simples *habitat*, mas uma estrutura simbólica de representação do poder de uma família e da sua hierarquia no contexto da sociedade onde se enquadra. Vivendo uma forte relação com os símbolos de prestígio e de hierarquia social presentes em cada época, a casa senhorial é ainda em suas diferentes formas um testemunho das transformações que a sociedade e o gosto vão assumindo ao longo dos séculos. Na sua estética e busca do belo, a casa é também afirmação de aspirações mais profundas que revelam a relação do homem com a natureza ao longo da História.

O projeto se desenvolve a partir de quatro linhas de investigação: I. Mecenas e artistas. Vivências e rituais; II. Identificação das estruturas e dos programas distributivos e o estudo aprofundado de nomenclaturas funcionais e simbólicas de cada espaço; III. Estudo da ornamentação fixa: azulejos, tetos, talhas, pinturas, estuques, têxteis, pavimentos, chaminés, janelas e portas, mobiliário integrado; IV. O equipamento móvel nas suas funções específica.

Como metodologia, foram inicialmente selecionados 25 edifícios na região de Lisboa, construídos entre o século XVII e o primeiro quartel do século XX, e dez edifícios na região do Rio de Janeiro e arredores, representativos dos séculos XVIII, XIX e do primeiro quartel do século XX, conjunto que vem sendo gradualmente acrescido, contando hoje com 20 edifícios.

Para essa seleção foram elencadas as construções que ainda mantivessem integridade física suficiente para permitir a análise direta de sua divisão espacial, revestimentos e aspectos decorativos, e mobiliário original. Na linha temporal, tomou-se como marco inicial a instituição do Rio de Janeiro como sede do Vice-Reino do Brasil, em 1763, e o início do século XX, com quando foram promovidas profundas reformas urbanas, em especial, a disseminação da rede elétrica.

Foram considerados ainda as diferentes tipologias arquitetônicas, programas e as formas de ocupação dos lotes, ambiências e aspectos decorativos, bem como

dos diferentes perfis que compunham os grupos de elite de cada período. Entre imóveis urbanos e suburbanos, temos casas térreas e sobrados situadas nos alinhamentos das ruas do centro urbano; solares, mansões e palacetes, recuados em largos terrenos das freguesias urbanas; e, pelos arredores, chácaras e quintas. Além disso, figuram na amostragem casas de fazendas e engenhos das freguesias rurais do século XVIII.

Os proprietários situam-se dentre os estamentos de elite de cada período de configuração política e administrativa do Rio de Janeiro — “nobreza da terra”, dignitários do clero, do poder judiciário e do governo, realeza, aristocracia e altos negociantes, capitalistas e empresários.

Apesar de concentrada nos limites políticos, geográficos e historicamente definidos da cidade, foram introduzidos imóveis de regiões circunvizinhas, que mantivessem estreitos laços políticos, econômicos e culturais com o Rio de Janeiro, como Juiz de Fora, Petrópolis, Paty de Alferes, e Vassouras.

A pesquisa realiza extenso levantamento bibliográfico e documental sobre cada um dos edifícios, justapondo informações, textos e imagens de origens diversas. São analisadas fontes iconográficas, como desenhos artísticos, desenhos técnicos, plantas, mapas, vistas, perspectivas, e registros fotográficos pormenorizados, de aspectos gerais e detalhes dos exteriores e interiores atuais dos edifícios íntegros. O estágio atual de tratamento e digitalização dos acervos documentais permite acesso a fontes primárias de forma inédita, permitindo revisão da literatura clássica sobre história da arquitetura no Brasil, produzida majoritariamente no século XX.

Como fontes textuais, são examinados relatos de viajantes, diários e correspondências, coleções de jornais e revistas; bem como documentos administrativos públicos e privados e documentos judiciais, como livros de notas, testamentos e Inventários

Nesse âmbito, cabe destacar a grande relevância das escrituras de transmissão de propriedade (compra, venda, doação, sucessão), que permitem comprovar a propriedade de determinado imóvel e a cadeia sucessória, a data das transações, o valor atribuído ao bem em diferentes datas, e inventários. São também examinados livros, artigos e de produção acadêmica sobre os edifícios e a arquitetura do período.

Em seguida, os dados recolhidos são processados para a montagem das páginas do site, com o preenchimento das fichas correspondentes às campos e subcampos. São quatro campos: “Casas senhoriais”, “Glossário”, “Artistas” e “Fontes Documentais”, sendo que o campo “Casas Senhoriais” se articula segundo os filtros “designação”, “século”, “ano”, “país”, e é desdobrada a cada casa em seis subseções “arquitetura”, “programa interior”, “azulejaria”, “estuques”, “pintura decorativa” e “decoração diversa”, que correspondem aos aspectos históricos, urbanos, arquitetônicos e decorativos.

As imagens são tratadas e preparadas para inserção em cada divisão das respectivas categorias (azulejaria, estuques, pintura decorativa etc), enquanto são elaborados desenhos de plantas arquitetônicas dos vários pisos, com o recurso do AutoCAD. Em paralelo, são elaborados textos descritivos e analíticos para os vários campos definidos em cada uma das fichas do inventário.

O projeto promove também workshops, realizados de 2011 a 2013, na FCRB, e colóquios internacionais, iniciados em Lisboa (2014), e realizados no Rio de Janeiro (2015), no Porto (2016), em Pelotas/RS (2017) e, em junho de 2018, em Fafe, Portugal. Os eventos resultaram em anais, divulgados por intermédio do site do projeto.

Outro resultado foi a organização do grupo de pesquisa Casas senhoriais e seus interiores: estudos luso-brasileiros em arte, memória e patrimônio, que reúne pesquisadores e bolsistas que estudam o tema.

As casas senhoriais

O atual conjunto de casas brasileiras é composto de quatro edifícios do século XVIII □ Engenho da Taquara, Engenho do Capão do Bispo e Engenho do Viegas, e a Fazenda Pau Grande, antigo engenho de açúcar e, depois, de plantio de café, em Paty de Alferes; e 16 construções do século XIX – Casa da Hera, Casa da Marquesa de Santos, Casa de Rui Barbosa, Chácara do Chalet, Palacete Barão de São Clemente, Casa do Mordomo, Palacete Babilônia, Palacete de São Cornélio, Palácio do Catete, Palacete Tavares Guerra, Palácio Imperial, Quinta da Boa Vista, Solar do Jambeiro, Villa Ferreira Lage, e palacetes do início do século XX, Palacete Guinle de Paula Machado e Palácio Laranjeiras.

As casas de elite dos séculos XVIII, XIX e XX



Conjunto de dezoito das 20 casas estudadas

Uma das casas do século XVIII estudadas é o Engenho da Taquara, situado em Jacarepaguá, Rio de Janeiro, e remonta à antiga fazenda que pertenceu a Salvador Correia de Sá. A construção é térrea em sua maior parte, com sobrado parcial na faixa central, a entrada se dá por três escadas, uma central e duas laterais, que desembocam na varanda, que é sustentada por colunas toscanas de alvenarias, interrompida no módulo central por cinco arcos plenos. A planta desenvolve-se em torno de um pátio central, com amplo telhado de telhas de barro tipo capa e bica, com fachada principal voltada para o nordeste. A capela ocupa edifício anexo, ligado ao principal por um pequeno corpo recuado.

As terras do Engenho do Capão do Bispo integravam a enorme sesmária dos jesuítas, que confrontava com o termo da cidade. A fazenda foi confiscada à Companhia de Jesus em 1759, sendo desmembrada e leiloada em 1761; a propriedade, que ficou conhecida como Capão do Bispo, foi adquirida por D. Mascarenhas de Castelo Branco, o primeiro brasileiro nato a ser nomeado bispo na colônia. A casa é térrea, sobre porão alto parcial, que ocupa a faixa fronteira; a entrada se dá lateralmente, através de escada que dá acesso à varanda fronteira. A planta desenvolve-se em torno de um pátio central, com amplo telhado de telhas de barro tipo capa e bica, com a fachada principal voltada para sudeste, sendo a fachada principal composta pela varanda sustentada por colunas toscanas de alvenaria e escada lateral em pedra, localizada à direita. O porão alto tem acesso por três portas de madeira de verga reta.

O Engenho do Viegas está situado na antiga freguesia de Campo Grande, a três dias de viagem do centro urbano, antes das melhorias dos caminhos ocorridas no início do século XIX. O proprietário original também foi personagem do processo de conquista, mas o tamanho da propriedade e a distância da cidade demonstram uma menor proeminência social. A casa fica hoje no bairro de Senador Camará, também sobre uma pequena colina, numa área de preservação ambiental. Há uma simetria na planta, sugerindo que esta conserva em grande parte sua conformação original, ainda que se perceba um claro acréscimo nos fundos, criando um estreito pátio interno. A casa está construída a meia encosta, com um porão alto

aproveitando a diferença de nível, com fachada principal é voltada para norte-nordeste. A capela de N. Sa da Lapa fica à esquerda da casa, à qual está ligada pela varanda, o que proporciona uma entrada privada ao nível do coro. As duas edificações configuram um pátio frontal, por onde se dá o acesso público à capela. A fachada principal é marcada pela colunata da varanda, com colunas de tijolo de ordem toscana. No embasamento predominam os cheios, com três portas de acesso ao porão.

A Fazenda Pau Grande, localizada no distrito de Avelar, no município de Paty dos Alferes, é originária de sesmaria voltada para a exploração do açúcar, e foi transformada, nas primeiras décadas do séc. XIX em fazenda de café. O edifício principal, que substitui a antiga acanhada construção original, foi erguido por volta de 1805, sobre pequena elevação, tendo à sua frente uma área ajardinada, seguida de um extenso terreno em nível inferior, onde outrora se situava o grande terreiro de café. Três escadarias de pedra conduzem ao jardim suspenso e à entrada da sede principal. Nos fundos, uma encosta arborizada tangencia toda a construção e seus arredores, sendo o terreno à direita constituído pelo antigo engenho. Uniformidade e horizontalidade caracterizam esta grandiosa casa de vivenda composta por dois pavilhões laterais simétricos e um corpo central, o qual constitui o eixo da construção. Com telhados em quatro águas, os blocos laterais flanqueiam o centro do edifício encimado por frontão triangular, destacando o local onde se situa a capela. A construção com planta em “U” composta por dois pavimentos no frontispício, apresenta as laterais estendendo-se em um único piso, em função do terreno ascendente na direção da encosta montanhosa. No lado direito do terreno encontra-se o antigo engenho, do qual se destaca a altíssima chaminé.

Já no século XIX, a chegada da Corte portuguesa ao Rio de Janeiro influencia a formação e organização das casas de chácaras. A instalação de d. João em São Cristóvão, e de d. Carlota Joaquina em Botafogo, incrementam a descentralização e expansão da cidade em direção às zonas sul e norte. A instalação das famílias de maior poder aquisitivo nos novos bairros se faz em terrenos maiores, em chácaras que deixam de ser apenas casas de recreio ou residências temporárias. A

casa de chácara toma as características da casa urbana, colocando-se na frente do terreno, embora despregada das divisas laterais. Integram um conjunto de casas relacionadas com a família real a Quinta da Boa Vista, a Casa da marquesa dos Santos, a Casa do Mordomo e a Palácio de Petrópolis.

A Quinta da Boa Vista, propriedade resultante do desmembramento de antiga fazenda dos jesuítas, foi cedida pelo comerciante Elias Antônio Lopes para instalação da Família Real portuguesa. Foi Paço Real, de 1808 a 1822, Paço Imperial, de 1822 a 1889, sede plenária da primeira Constituição, em 1892, e sede do Museu Nacional, que em 1946 seria incorporado à Universidade do Brasil, hoje Universidade Federal do Rio de Janeiro. Edificação em três pavimentos, com dois pátios internos e dois prismas de ventilação, somando uma área de 13.923,00m² (3 pavimentos de 4.641,00m² cada), com composição arquitetônica e volumetria simétrica. Como principais revestimentos tem-se, no primeiro pavimento (térreo) os pisos em ladrilho hidráulico e mármore, nos segundo e terceiro pavimentos, tetos, pisos e estruturas de barrotes em madeira. O edifício sofreu sucessivas ampliações e modificações, por diversos arquitetos: John Johnston (inglês), Manuel da Costa (português), Jean Pierre Pèzèrat (francês), Manuel de Araújo Porto Alegre, Theodore Marx e Francisco Bethencourt da Silva. De 1857 a 1861, recebeu amplo projeto decorativo pelo pintor e cenógrafo italiano Mario Bragaldi, (ver PESSOA, Ana, 2015) e os jardins foram remodelados por Auguste François Marie Glaziou.

A Casa da Marquesa de Santos é resultado da reforma de um antigo casarão colonial, situado em uma propriedade que reuniu duas chácaras das vizinhanças da Quinta, promovida por D. Pedro I para instalar d. Domitila de Canto e Melo. A reforma, realizada de 1824-1827, teve o risco atribuído a diferentes arquitetos, como o arquiteto francês Pierre Joseph Pézerat; sendo que as obras ficaram a cargo do arquiteto português Pedro Alexandre Cravoé; a decoração escultórica deve-se aos irmãos franceses Marc e Zepherin Ferrez, e a pictórica ao artista fluminense Francisco Pedro do Amaral. É uma das mais elegantes construções do período, com revestimentos nobres, como mármore, granitos e madeiras de lei. Em termos arquitetônicos, se destaca o Salão Oval, que se projeta para fora da

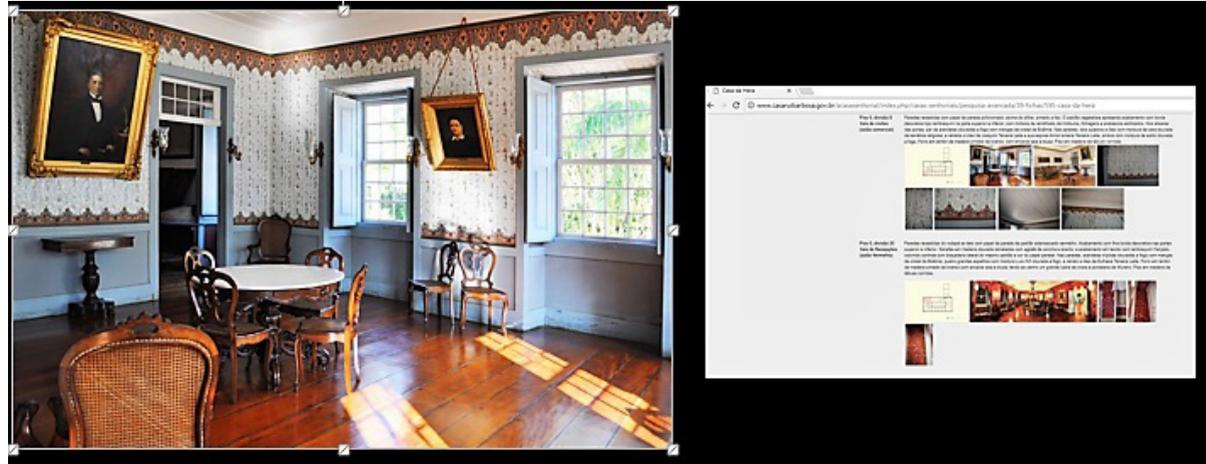
fachada que se volta para os jardins internos. Destacando-se juntamente com este Salão, as escadarias em curva que descem externamente, à céu aberto, do segundo andar. O palacete recebeu fino tratamento decorativo, com as dependências do andar superior revestidas de painéis em relevo e pinturas em diferentes temáticas – Salão da Aurora, Salão da Música, Salão da Águia, Salão dos Deuses e Salão da Flora. As sancas e os tetos foram trabalhados em relevo escultórico, em ciclos narrativos que se combinam com a temática dos salões. A casa abrigou outros moradores, como a princesa Maria da Glória, José Bernardino de Sá, negociante na praça do Rio de Janeiro, de 1847 a 1854, Irineu Evangelista de Souza, barão de Mauá, Abel Parente, entre outras personalidades. Em 1938, foi tombada pelo IPHAN, e desapropriada em 1961, e transformado em Museu.

A Casa do Mordomo, hoje chamado Palacete Laguna, tem origem num conjunto de sobrado e jardim em terras da Quinta da Boa Vista, conhecido como Quinta ou Chácara da Joana, referência ao rio Joana, residência dos Mordomos do Imperador de D. Pedro II. Está situado na Rua General Canabarro, 731, Maracanã, Rio de Janeiro, já sem conexão direta com a Quinta. A casa encontra-se no centro do atual terreno, com fachada principal voltada para sudeste. A casa tem dois pavimentos, mais o subsolo, e planta em “L”; sofreu diversas intervenções, uma delas por Theodor Marx, arquiteto da Casa Imperial. Esta intervenção deu a casa aspecto neoclássico, com uma espécie de torreão e ala de serviços, perdido nas reformas posteriores. Em outros momentos ganhou uma varanda de estilo mourisco, uma varanda em ferro no primeiro piso, e uma *porte-cochère* também em ferro.

O Palácio Imperial foi erguido em estilo neoclássico, entre 1845 e 1862, como residência de verão de D. Pedro II, segundo projeto de Júlio Frederico Koeler, com complementação de Cristóforo Bonini. A construção do palácio contou ainda com a participação, após a morte de Koeler, dos engenheiros José Alexandre Alves Pereira Ribeiro Cirne, Joaquim Candido Guillobel e José Maria Jacinto Rebelo. Está situado em área central de Petrópolis, cidade planejada e construída a partir de decreto imperial de 1843. Embora bastante adensada, a área vizinha ao palácio ainda concentra inúmeras casas de elite do segundo império. O palácio está situa-

do em centro de terreno, com vasto parque ajardinado, executado por João Batista Binot. Edifício tem com corpo central de dois pavimentos, arrematado por frontão triangular e platibanda. Um pórtico em cantaria encimado por terraço projeta-se à frente do pano central; duas alas laterais simétricas completam a composição, com varandas nas duas extremidades, que dão acesso aos jardins. Apesar do corpo central elevado, o edifício é marcado pela horizontalidade, acentuada pela longa platibanda que oculta o telhado, frisos e cornijas que arrematam e separam os pavimentos e o embasamento em argamassa simulando silharia, com óculos de ventilação do porão. Com decoração sóbria, destacam-se os estuques do teto do salão de música.

Situada em Vassouras, a Casa da Hera é uma casa de chácara da aristocracia cafeeira, que pertenceu ao capitalista Joaquim Teixeira Leite e, por herança, à sua filha Eufrasia. A casa principal é em centro de terreno, com fachada principal voltada para sudoeste; possui um jardim amplo e arborizado, além de palmeiras imperiais, canteiros e um pátio interno. A construção é da primeira metade do século XIX, com registros em plantas da cidade de 1836, e em 1858, já com muros de delimitação da chácara com a rua. A casa é um pavilhão de pavimento único, com planta retangular e pátio central, com um anexo também de planta retangular justaposto nos fundos à esquerda, que comporta a cozinha e suas dependências. Está elevada do nível do solo por um porão não habitável, e tem entrada pelo lado menor do retângulo, voltada para sul. O telhado é em telhas de barro tipo canal, arrematados por uma cornija simples que esconde os caibros. Com objetos, mobiliário e ambientes preservados por determinação de Eufrásia, mantém rico testemunho sobre o ambiente doméstico da época.



AmAmbAmbiente da Casa de Hera e página do site

Outro conjunto estudado pelo projeto são as casas da família Clemente Pinto: O patriarca da família Clemente Pinto foi Antônio, nascido em Portugal em 1795, que emigrou para o Brasil aos 12 anos, onde se iniciou no comércio como caixeiro. Atuou no próspero ramo do tráfico de escravos, na exploração agrícola e aurífera, até se dedicar intensamente à cultura do café. Como fazendeiro de grande produção, empenhou-se na construção da estrada de ferro para escoamento do café da região serrana até à Baixada. Casado com a prima, Laura, teve dois filhos que chegaram à idade adulta: Antônio (1830 – 1898), futuro conde de São Clemente, e Bernardo (1835 – 1914), futuro conde de Nova Friburgo. Foi agraciado com o título de barão de Nova Friburgo em 1854 e, seis anos depois, com o de barão com honras de grandeza de Nova Friburgo, um mês após a inauguração do primeiro trecho da Estrada de Ferro de Cantagalo. Ele dedicou-se, de 1858 a 1865, à construção de suntuoso edifício, o Palacete Nova Friburgo, atual Museu da República, situado bairro do Catete, projetado arquiteto prussiano Karl Frederich Gustave Waehneltdt, chegado ao Brasil em 1852, onde permaneceria até 1870. Para seu rico projeto arquitetônico e decorativo, foram contratados escultores, estucadores, gravadores, pedreiros, carpinteiros, entre outros da Prússia, Portugal e França. Com edifício implantado na testada do lote, tem uma grande área arborizada que se estende até a praia. O edifício tem três pisos, sendo o primeiro todo de cantaria

com seis janelas e uma porta central na frente, o segundo e o terceiro forrados de mármore com sete portadas de sacadas, também na frente, jardim ao lado, com portão e grades ferro, casa de sobrado anexa ao mesmo palacete, cocheira e demais dependências. No 2º piso, estão as salas nobre, profusamente decoradas com estuques e pinturas parietais – o salão nobre, o salão amarelo e a sala dos banquetes, o salão mourisco e a sala pompeana, e a capela.

O barão ergue, em 1862, com o mesmo arquiteto prussiano, Waehneltdt, a Chácara do Chalet, casa de campo instalada em meio um extenso parque, em Nova Friburgo/NF, projetado pelo paisagista francês Auguste Glaziou. A propriedade, com 6,43km² pertenceu à família Clemente Pinto até 1913, quando foi vendida à família Guinle; em 1957, seria transformada em loteamento residencial e clube, preservando o núcleo onde está a edificação, como sede do empreendimento. A planta da casa desenvolve-se simetricamente em torno do pátio central contornado por galerias, de forma que a circulação interna se dá pelo pátio ou entre cômodos dando acesso aos seus adjacentes; o quadrado formado em plantas pelos setores social e íntimo, é estendido pelos dois anexos retangulares posteriores, que abrigam o setor de serviço, ambos formando uma planta em “A”. O telhado com várias águas aparentes, com telha colonial apresentando desenhos formados pelo chamado entelhamento à mourisca e beirais acentuados. As bordas, dos beirais são arrematados por lambrequins, com desenhos caprichosos. Internamente, os cômodos apresentam decoração em estilo renascentista, salvo o pátio central que foi construído no mais puro estilo mourisco árabe com repuxo característico.

A terceira propriedade da família é o Palacete São Clemente, antiga residência do barão de São Clemente, erguida por volta de 1859, e situada à Rua Marquês de Abrantes, nº 55, no bairro do Flamengo, Rio de Janeiro. A casa se localiza no meio de um terreno arborizado que se separa da via pública através de um gradil em ferro fundido, sobre base de cantaria. A orientação da fachada principal é oeste. Assim como muitas casas de chácara desta região, o palacete de São Clemente teve parte seu terreno loteado, tomando forma irregular. Além da casa principal,

outros edifícios foram adicionados em períodos posteriores, para atender às necessidades do Colégio Bennett, que ocupa o imóvel desde 1919. A casa é um sobrado, sobre porão alto situado em centro de terreno, em composição que segue os princípios do neoclássico. O pavilhão tem planta em “L”, sendo o bloco principal quase quadrado, acrescido de uma pequena ala que abrigava serviços. O imóvel sofreu reformas, com o acréscimo de uma varanda de ferro e escadaria nos fundos. O sótão é habitável, e uma camarinha ocupa o ponto mais alto do telhado, paralela à fachada principal.

Em Botafogo, em 1850, foi inaugurada a casa de chácara do comerciante Bernardo Casimiro de Freitas, cercada por jardim e com quintal aos fundos, onde se estendia um grande parreiral sob pérgula de ferro. O edifício era um sobrado parcial e porão, com partido em forma de U, com telhado em platibanda e fachada com predominância horizontal, quebrada pelo corpo central elevado, e decorada com elementos neoclássicos como pilastras de fuste canelado e capitel ornado, frontão triangular e arquitrave trabalhada. O interior era distribuído segundo um eixo central em áreas social, privada e de serviços, sendo o térreo ocupado pelas áreas sociais, doméstica e de serviços domésticos e copa; o andar superior era reservado para os quartos do casal e filhas, e na área externa, cavalaria, cocheira e senzala, com os serviços de cozinha e lavagem instalados sob telheiros, além de banheiro e galinheiro. Na década de 1860, a casa foi ampliada com a construção de outro bloco assobradado, ligado ao primeiro por um passadiço. Em 1879, já do comerciante Albino de Oliveira Guimarães, a propriedade sofre grandes reformas, tanto na área interna como externa. Ele introduziu, com o apoio de estruturas metálicas, varandas na fachada principal e nos fundos do passadiço, ampliando as circulações da casa, além de melhorias nas instalações hidráulicas e nova configuração no jardim, com a implantação de artefatos do estilo romântico, como pontes, caramanchões e quiosques. Após breve período de posse de John Roscoe Allen, a propriedade foi adquirida por Rui Barbosa, que a ocupou de 1895 a 1923, com a sua morte, foi adquirida pelo governo federal para transformá-la em museu em homenagem ao último morador. Seu interior está preservado, com extensa biblioteca, tetos decorados de estuque, objetos e rica mobília de época.

Uma das mais expressivas casas de chácaras brasileiras foi erguida em 1862, em Juiz de Fora, a Villa Ferreira Lage, situada em amplo terreno, então com 400.00m, pertencente ao comendador Mariano Procópio Ferreira Lage (1821-1872). Hoje, a propriedade, com área bem reduzida, abriga o Museu Mariano Procópio. A edificação de prisma retangular, de inspiração renascentista, foi projetada pelo arquiteto alemão Carl August Gombs, e está situada em um ponto elevado da área da chácara, em local intensamente arborizado, com fachada principal voltada para sudoeste. O edifício é composto por dois pavimentos e um porão semienterrado, com torreão mirante do lado esquerdo. A composição apresenta forte marcação horizontal, reforçada por faixas resultantes do revestimento de tijolo aparente em duas cores. O embasamento em pedra possui óculos pentagonais de iluminação e ventilação do porão. A residência é unida por um passadiço, que originalmente, conectava a residência à área do pomar, nitidamente um setor mais íntimo da casa. Atualmente, esta área é ocupada por outro bloco de construção, que abriga a coleção do museu, localizado em um ponto mais elevado. Seus ambientes são decorados com estuques, pinturas parietais, painéis de lambri e papéis de parede.

Nesse mesmo ano, 1862, está sendo concluída reforma promovida por José Ribeiro da Silva em antiga propriedade adquirida da tradicional família Velho da Silva, no Catete, Rio de Janeiro. Com a morte Ribeiro Silva, ela seria adquirida por João Martins Cornélio dos Santos, diretor do Banco Comercial e comissário de café, quando passaria a ser denominada Palacete Cornélio. Residência térrea, com porão alto, situada de frente para a rua do Catete, com fachada principal voltada para o leste. A composição é simétrica, dividida em três panos delimitados por colunas compósitas, tendo o centro marcado por um frontão. Possuem dois blocos recuados nas laterais, que criam pátios de acesso a casa, cercados por gradis de ferro com portões. No lado direito há uma passagem para o jardim que se localiza nos fundos da construção, através de um arco pleno. Hoje bastante danificado, tinha a área nobre decorada com estuques e pinturas decorativas com cenas históricas, como a passagem do Humaitá, episódio da Guerra do Paraguai.

Outra imponente construção, o Palacete Babilônia, começou a ser erguida, em 1864, pelo banqueiro e comerciante Antônio Alves da Silva Pinto, em seguida, foi adquirido pelo futuro barão de Mesquita, sendo que desde 1889 é ocupado pelo Colégio Militar. O edifício situa-se em um terreno flanqueado pelo morro da Pedra da Babilônia, dentro de ampla área arborizada, e faz divisa com as ruas São Francisco Xavier e Barão de Mesquita, antiga Rua da Babilônia. O edifício é uma construção neoclássica composta de dois pavimentos sobre porão alto habitável. Esta morfologia divide as frontarias horizontalmente em três níveis a partir do térreo, o qual forma uma espécie de silhar. As duas bandas horizontais superiores correspondem ao primeiro pavimento, que separado do porão alto por um *bandeau* em cantaria, se eleva até a arquitrave. O segundo pavimento caracteriza-se como um sobrado parcial no mesmo nível da platibanda. Destacam-se alguns elementos característicos das composições clássicas como a cornija com modilhões rematando o beiral, as entradas marcadas por colunas, e o frontão clássico encimando o corpo central das fachadas secundárias. No interior, o primeiro pavimento tem quase todos os ambientes decorados com forros estucados, pinturas murais, baixos-relevos, e pinturas de fingimento.

Em 1872, em Niterói/RJ, foi construído por rico comerciante português o sobrado que hoje abriga o Solar do Jambeiro, situado em meio à chácara arborizada. Após servir, breve período, como residência de seu construtor, foi ocupado por famílias e atividades diversas até ser desapropriado pela municipalidade, em 1997. O edifício é um prisma retangular, dividido em dois pavimentos, esse volume é quebrado pelo acrescento de duas varandas de ferro, uma maior na fachada principal e outra menor na lateral direita. O acesso principal se faz através da varanda, chegando a um vestíbulo central que se comunica, com a sala de visitas à direita, a sala de jantar à esquerda, através de uma pequena antessala, e com a escada nobre. No piso superior, a distribuição se faz através da galeria da escada e de um corredor que substituiu a circulação interna dos cômodos. Uma sala ocupa a lateral direita da construção, e vários quartos se sucedem para o lado esquerdo. Os serviços se encontram em construção anexa, nos fundos da principal, à qual se ligam por uma passagem coberta. A fachada principal é revista por azulejos por-

tugueses de estampilha; azulejos de outros tipos, de feitios e desenhos especiais, emolduram as portas e janelas, bem como os cunhais, as frisas e as barras, de tal forma que são desprovidas de azulejos, apenas as guarnições dos vãos e a bacia corrida que contorna as três fachadas é que são de cantaria. A entrada é marcada por varanda-pórtico em ferro fundido.

Em 1884, a família Tavares Guerra ergueu o seu original chalet, conhecido como Casa do Sete Erros, situado na rua Ipiranga, em Petrópolis. O engenheiro responsável foi o alemão Karl Spangenberg, que recrutou mão-de-obra de imigrantes alemães ao invés de escrava. Destacam-se as participações dos pintores em decoração: o austríaco Carl Schäffer e o italiano Gustavo Dall'Ara. O projeto paisagístico dos jardins é atribuído à Auguste Glaziou. O *chalet* eclético, em estilo vitoriano, exibe fachadas de configuração assimétrica, com três pavimentos e porão alto, o recorte irregular da planta dos três pavimentos divide a edificação em três blocos distintos que compõem as quatro fachadas. Com tipologia tão diversa, os espaços no piso térreo formam três blocos distintos, enquanto no primeiro andar a distribuição dos cômodos se mantém mais uniforme. O último piso equivale à área do sótão, portanto se localiza junto à cobertura, abrindo para o exterior através das lucarnas e janelas sob os telhados em quina. Uma pequena claraboia na parte posterior do edifício permite a entrada de luz até o primeiro pavimento. No primeiro piso estão as salas nobres – vestíbulo, salas de jantar, visita e música, fumoir, profusamente decoradas com pinturas parietais e estuques, no segundo piso ficam os quartos, os dormitórios e a varanda lateral, distribuídos em ambos os lados do corredor central, assim como alguns cômodos de serviço; no terceiro piso está a capela da família

A família Guinle integrava a elite financeira e social da cidade, formada por Eduardo Pallasim Guinle, um dos fundadores da Companhia Docas de Santos, sua esposa, Guilhermina e sete filhos. Os negócios da família se expandiram para as áreas de produção e distribuição de energia elétrica, imobiliárias, indústria têxtil, bancos, construção civil e hotelaria. Eles foram responsáveis pelos mais belos palacetes ecléticos, além de edifícios comerciais e do hotel Copacabana Palace. O

projeto estuda dois desses palacetes, projetados pelo arquiteto Armando da Silva Telles, a partir de risco de Joseph Gire que também foi responsável pelos projetos do Palácio Laranjeiras Palacete Guinle de Paula Machado e Palácio Laranjeiras.

O Palacete Guinle/Paula Machado, em estilo eclético francês, é resultado de reformas promovidas em um antigo sobrado, em 1910 em 1917. A pertenceu à família de Celina Guinle de Paula Machado até 2005, sendo hoje ocupada pela Firjan. O piso térreo compreende a área social □ vestíbulo, sala de jantar e de estar, escritório de serviço □ cozinha, copa e adega, com a área íntima no segundo pavimento □ terraço, quartos e banheiro, interligados por uma elegante escada. Em bloco anexo, os quartos dos empregados e a garagem. Merece destaque para a *porte-cochère* aterrçada, o telhado em mansarda e o torreão central em ardósia.

O Palácio Laranjeiras foi construído por Eduardo Guinle entre 1910 a 1913, situado em um platô, a 25 metros acima do nível da rua, situado em uma extremidade da encosta do morro Nova Cintra, em meio a extenso parque. A construção, cuja planta tem a forma da letra “Y”, possui dois pavimentos em todas as zonas. Ele está assentado sobre um porão alto, que avança para além do alinhamento das fachadas, formando um sinuoso terraço que circunda o pavimento da zona de aparato. O piso térreo reúne os ambientes sociais, o vestíbulo ou hall, as salas de visitas e de jantar, além de duas saletas, o fumoir e de música. Uma monumental escadaria liga o vestíbulo, no pavimento térreo, ao bilhar, no 1º pavimento, onde se encontram também biblioteca e a galeria que cobre a sala de jantar. Construído com materiais nobres, rica decoração e mobiliário importando, o palacete é um das mais exuberantes mansões brasileiras.

A título de conclusão, pode-se considerar que esse estudo tem caráter inédito ao propor que se avalie, de forma integrada, a organização espacial dos espaços domésticos, sua decoração, seus equipamentos e objetos, e as práticas cotidianas das elites portuguesas e brasileiras, e suas mútuas influências. O sistema de pesquisa por intermédio de filtros permite que se agrupe as casas segundo

critérios temporais, de localização, aspectos arquitetônicos e decorativos, além da busca livre, que identifica palavras nos textos.

A colaboração de diferentes especialistas possibilita o estudo comparado das casas portuguesas e brasileiras, permitindo que se determinem padrões espaciais, decorativos e de gosto, de forma evolutiva ao longo de três séculos. É importante ressaltar que essa integração multidisciplinar permite recuperar os múltiplos aspectos materiais e simbólicos que revestem a casa.



Casas portuguesa, goense e brasileira

A expansão territorial do escopo do projeto que envolveu Goa, assim como serão incorporadas outras regiões brasileiras, como Belém e Pelotas, trará nova dinâmica e interesse para o projeto.

A plataforma digital, em fase de atualização, amplia o alcance do projeto, divulgando o resultado das pesquisas de forma rápida e de fácil acesso. O site contribui, assim, para ampliar os canais de divulgação e preservação do patrimônio construído luso-brasileiro, disponibilizando o registro detalhado da situação atual, bem como informações históricas e documentais dos imóveis estudados.

BIBLIOGRAFIA

CARITA, Helder e CARDOSO, Antonio Homem. *A casa senhorial em Portugal*. Edição Leya, dezembro de 2015.

PESSOA, Ana. Bravo Bragaldi! PESSOA, Ana MALTA, Marize (org) *Anais do II Colóquio Internacional Casa senhorial: anatomia dos interiores*. Rio de Janeiro: Fundação Casa de Rui Barbosa, 2015. p. 302 a 328. Disponível em http://acasasenhorial.casaruibarbosa.gov.br/artigospagina inicial/659/PESSOA_Ana.pdf Apurado em 22.04.2018.

SANTOS, Ana Lucia Vieira. Casas de engenho do Rio de Janeiro – século XVIII – metodologia de estudo a partir de múltiplas fontes. Disponível em <http://acasasenhorial.casaruibarbosa.gov.br/artigospagina inicial/459/03%20Ana%20Lucia.pdf> Apurado em 22.04.2018

SANTOS, Ana Lucia Vieira. A família real e a introdução de novos usos na casa carioca. PESSOA, Ana MALTA, Marize (org) *Anais do II Colóquio Internacional Casa senhorial: anatomia dos interiores*. Rio de Janeiro: Fundação Casa de Rui Barbosa, 2015.p.37 a 53. Disponível em http://acasasenhorial.casaruibarbosa.gov.br/artigo-spagina inicial/654/SANTOS_Ana_Lucia Apurado em 22.04.2018